

A ANTROPOLOGIA PÓS-MODERNA: UMA NOVA CONCEPÇÃO DA ETNOGRAFIA E SEUS SUJEITOS¹

Patrícia JORDÃO²

RESUMO

A hermenêutica e a pós-modernidade antropológica, como metodologias científicas, ocupam uma parcela significativa na maneira de refletir dos autores pós-modernos, em especial, os norte-americanos, acarretando, conseqüentemente, uma nova forma de abordagem na relação sujeito-objeto na pesquisa de campo e no estilo etnográfico. Neste trabalho apresenta-se um panorama do fazer e pensar antropológicos pós-moderno americano, abordando os seus principais representantes e analisando os limites e as possibilidades da relação sujeito-objeto na prática da pesquisa de campo e no texto etnográfico.

Palavras-chave: Etnografia; hermenêutica; pós-moderno; antropologia; ciência.

Neste texto pretendemos abordar alguns aspectos históricos das condições de produção do trabalho antropológico e mostrar de que maneira o ideal do pós-modernismo, como filosofia de uma época, tem se formado em termos de uma concepção na antropologia, de seu objeto e de seus praticantes. Faremos isso a partir da perspectiva da relação sujeito-objeto na prática de campo e no texto etnográfico.

A tradição do trabalho de campo intensivo na antropológica acontece a partir da publicação dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), trabalho realizado com os habitantes das Ilhas Trobriand na Nova Guiné, com Bronislaw Kaspar Malinowski. Foi aluno de Durkheim e considerava-se seu discípulo. Com isto a questão da objetividade na disciplina

¹ Os dados deste artigo foram obtidos do 4º capítulo da minha Dissertação de Bacharelado concluído em 1999, pela UNESP – Câmpus de Marília. Apresentação em eventos: 51ª Reunião Anual – SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), realizada de 11 a 16 de julho de 1999; 6ª Jornada de Iniciação Científica, realizada em Marília, nos dias 13 e 14 de setembro de 1999; XI Congresso de Iniciação Científica da UNESP nos dias 10,11 e 12 de novembro de 1999; 52ª Reunião Anual - SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) realizada de 9 a 14 de julho de 2000.

² Aluna do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Câmpus de Marília – 17525-900 – Marília – SP – Brasil. Orientadora: Profª. Dr.ª Christina de Rezende Rubim, Departamento de Sociologia e Antropologia da UNESP – Marília.

ganha autoridade e aparentemente alcança o mesmo *status* das ciências exatas. Ciente da necessidade de legitimar o fazer antropológico, o autor empenha-se na tentativa de reproduzir a realidade, tal como ela se apresenta através da pesquisa de campo.

De outro lado, alguns críticos atuais da antropologia que se auto-denominam de pós-modernos³, radicalizam no seus ataques à disciplina, propondo a própria desconstrução deste fazer e pensar na antropologia. Para eles, a ciência não passa de uma construção ideológica. Qualquer conhecimento objetivo do real é mera ilusão, o que muitas vezes nos leva necessariamente ao niilismo antropológico⁴, apresentando-se como uma proposta eminentemente estéril e segundo alguns de seus críticos, como por exemplo Carlos Reynoso (1991) e ao relativismo exacerbado.

A constituição do conhecimento antropológico

Como toda construção intelectual, a antropologia permanece ligada às condições históricas de sua instauração e de suas manifestações, isto é, aos meios teóricos e práticos que a transformou no que é atualmente, buscando, assim, compreender o papel do pesquisador e de seus sujeitos de pesquisa no texto e no trabalho de campo. Não há dúvida de que esta disciplina desenvolveu-se ao mesmo tempo em que se efetuava a expansão colonial européia e que se estendeu a uma porção cada vez mais vasta das terras habitadas. Vejamos como se deu este processo na antropologia.

O período de 1860 a 1920 coincide com a fase de conquista colonial por parte do mundo Europeu e o advento da antropologia como estudo sobre o outro.

Já no próprio projeto de constituição de um saber mais sistemático sobre o homem, delineia-se como seu principal eixo uma compreensão da natureza e da cultura que eram o próprio fundamento epistemológico de sua cientificidade. Assim, durante um longo espaço de tempo, que compreende até os dias atuais, quase todas as suas variantes teóricas como, por exemplo, o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo, comprometeram-se

³ Renato Rosaldo, Michel Fischer, Talad Asad, Vicent Crapanzano, James Clifford, Georg Marcus e Stephen Tyler e outros.

⁴ Segundo Rubim (1999, p. 121), "[...] o niilismo antropológico é o desenvolvimento perverso do relativismo cultural como historicamente desenvolvido pela antropologia. Isto é, a perda absoluta de qualquer referência cultural de verdade".

com um saber sobre o outro vinculado às leis científicas que estabeleciam uma natureza una e hegemônica para todos os seres humanos, em contrapartida a constatação visível de culturas em constante transformação.

A natureza, entidade metafísica herdada da filosofia clássica, manifestava-se em nossa substância comum; enquanto que a cultura, ou as culturas no plural, já que o homem é essencialmente um animal fabricante de cultura, representa nossa pluralidade de *línguas* e a fragmentação do gênero humano.

O período seguinte, é considerado um momento transformador do fazer antropológico através da observação participante, ou seja, o estabelecimento de uma distância entre o antropólogo e sua cultura e a cultura do grupo estudado. Esse distanciamento, que não é consequência completamente desavisada ou aleatória do processo da construção do conhecimento antropológico, está na base do surgimento de um novo contexto, diferente do evolucionismo presente no período anterior, pela construção de um conhecimento que surgiu pelo estabelecimento de uma relação específica, não somente entre o pesquisador e seu objeto, mas também entre estes e o leitor.

O início da década de vinte, coincide teoricamente com a influência do pensamento funcionalista de Émile Durkheim sobre a antropologia social inglesa. No mesmo ano de 1922, temos a publicação de Radcliffe-Brown com *Os Ilhéus em Andanaman* (1922) e, em 1925, *O ensaio sobre o dom* de Marcel Mauss. Assim, o conhecimento, pretensamente neutro do objeto etnográfico, substitui a construção especulativa das origens da família, do estado, da religião, da cultura como era praticado pelos chamados antropólogos de gabinete no evolucionismo.

Tomemos como referencia o funcionalismo tal com foi desenvolvido no estudo das sociedades tribais. A análise antropológica consiste em construir sistemas a partir de uma realidade que aparece, de início, como fragmentada. A aparência fragmentada e destituída de significação decorre da exterioridade do observador e a construção de sistemas coerentes pela antropologia deve corresponder a uma integração real, constantemente realizada pelos membros da sociedade portadores da cultura, através de processos que são, o mais das vezes, inconscientes. Esse tipo de investigação pressupõe uma noção de totalidade integrada cuja reconstrução é objetivo último do pesquisador. (DURHAM, 1988, p. 21).

Se o período de 1920 a 1945 assiste à uma expansão dos territórios colonizados, a época entre 1945 a 1960, corresponde ao início e depois a realização da descolonização, o que não deixa de ser traduzido por diversas pesquisas antropológicas. Contudo, as independências meramente formais decepcionaram: o imperialismo sucedeu ao colonialismo. Nunca a dependência econômica foi tão forte e alienante.

Com o aparecimento da crise da ciência no mundo moderno, anunciada já na metade de nosso século, com a segunda guerra mundial, instala-se na antropologia o debate acerca de seus novos paradigmas: o que é a antropologia à luz dos novos questionamentos? Qual é o objeto de estudo da antropologia, já que as sociedades indígenas pareciam estar se extinguindo?⁵ Qual o critério de cientificidade na antropologia, imposto pelas novas transformações científicas culturais?

O problema se agrava quando tentamos estabelecer um novo *status* para noções até então monolíticas como a ciência, a natureza. É neste contexto que se instala a crise dos novos paradigmas na antropologia; uns prometendo a reformulação radical da própria natureza da cientificidade como alguns autores pós-modernos e, outros, procurando adequar o edifício epistemológico da ciência às novas bases em gestação como os hermenêutas⁶ e outras correntes fenomenológicas⁷

É dentro deste contexto, a partir dos anos setenta que se instala uma nova corrente teórica denominada antropologia interpretativa – mais tarde hermenêutica - propondo novos referenciais para a disciplina. Assim, para estes autores⁸, cabe a antropologia não mais a busca de leis universais para o gênero humano, mas sim a interpretação das culturas existentes, a sua compreensibilidade por nós através de sua tradução⁹. Ou seja, o critério de cientificidade deve residir na estruturação lógica da pesquisa, na compreensão do fenômeno estudado e não mais em uma neutralidade e objetividade absolutas do conhecimento.

Recentemente, nos anos oitenta e noventa, e depois de alguns anos em que não se pode falar de nenhum paradigma dominante na antropologia, a disciplina tem sido

⁵ Consultar o hoje clássico texto de Lévi-Strauss (1960), onde o autor teoriza uma possível crise da antropologia frente a extinção de seus objetos privilegiados de estudos, as sociedades indígenas.

⁶ Podemos dizer que um dos maiores representantes norte americano é Clifford Geertz.

⁷ Gianni Vattino, um dos filósofos contemporâneos ligados à hermenêutica italiana e à ontologia existencial, e tem como mentores Nietzsche e Heidegger

⁸ Principalmete Geertz, em sua publicação, hoje já clássica: *A interpretação das culturas* (1973).

influenciada, nas palavras de Reynoso (1991), por uma *moda intelectual* que corresponde a premissas do que vem a ser pós-moderno. O debate é orientado na linha que conduz a multiplicidade de interpretações.

Nas décadas de sessenta e setenta, como nos aponta Roque de Barros Laraia (1992), a antropologia possuía várias teorias que giram em torno da tarefa de reconstrução do conceito de cultura¹⁰. Assim para Kessing (apud LARAIA, 1986), as teorias dividem-se em: considerando a cultura como *sistema adaptativo*, tendo como representante Leslie White, Shalins, Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros. Em segundo, encontram-se as teorias *idealista de cultura*, que se subdividem em três abordagens. São elas: a cultura como *sistema cognitivo*, que podemos citar, como exemplo, o antropólogo Goodenough; a cultura como *sistema estrutural*, tendo Lévi-Strauss, como seu representante; e a cultura como *sistema simbólico*, posição desenvolvida por dois antropólogos, Clifford Geertz e David Scheider, nos Estados Unidos.

Em certos âmbitos da antropologia interpretativa é inquestionável, por exemplo, a influência da teoria crítica da Escola de Frankfurt, da filosofia de Nietzsche, da semiótica de Charles Sanders Peirce e do romantismo alemão, principalmente Willian Dilthey e Max Weber, através de seus método compreensivo.

Assim, propõe-se uma série de novas alternativas para a antropologia: dialogia, polifonia, evocação¹¹. Tais alternativas, bem como as tendências que as propõem, de um modo geral, estão presentes no volume *Writing Culture*, editado por James Clifford e George Marcus em 1986. Trata-se de uma coletânea de ensaios apresentados originalmente num seminário na Escola de Investigação Americana de Santa Fé, Nuevo México em 1984, cujo tema central gira em torno da redação do texto antropológico, da autoridade etnográfica e da relação entre pesquisadores e seus pesquisados.

Segundo Reynoso (1991), é no fervilhamento dos acontecimentos históricos e, principalmente no advento da sociedade pós-industrial¹², que a sociedade ocidental parece estar caminhando para uma grande transformação histórica, caracterizando um desgastamento

⁹ Esta concepção nos remete a defesa que faz Evans-Pritchard (1950) da antropologia como tradução para a nossa cultura, da cultura daqueles que são nossos sujeitos de pesquisa.

¹⁰ Laraia utiliza o esquema elaborado por Roger Kessing em *Theories of Culture* (1974).

¹¹ Ver Denis Tedlock (1986), *A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica*.

¹² Ou pós-estruturalismo, expressão de Frank Lentricchia (REYNOSO, 1991).

rápido das relações sociais. A fonte deste cataclisma inclui o racionalismo científico, as tecnologias, além de vários outros aspectos presentes em nossa cultura. Uma de suas transformações básicas é a burocratização crescente da ciência e da especialização do trabalho intelectual em parcelas cada vez mais microscópicas. E como consequência desse complexo processo histórico, dessas transformações, sociais, econômicas e de perspectivas filosóficas, que a antropologia americana pós-moderna desenvolveu-se (BELL, 1976)¹³.

A crítica americana pós-moderna

A modernidade na antropologia caracteriza-se pela separação entre observador e observado no texto, com o presente etnográfico proposto por Malinowski. A reflexão teórica feita pelo autor justifica-se pela crítica ao método evolucionista do período anterior, que a partir da coleta de materiais independente de seus contextos, fazia-se elaborações imaginativas sobre a história da humanidade como um todo, isto é, o que ficou conhecido como história conjectural. Segundo Evans-Pritchard: "Embora o professor Radcliffe-Brown possuísse sempre um conhecimento mais amplo da antropologia social geral e demonstrasse ser um pensador mais capaz que Malinowski, este foi o investigador experimental mais acabado". (EVANS-PRITCHARD, 1972, p. 76).

Assim, a partir de Malinowski, houve a necessidade de criar nos textos antropológicos uma *consciência* sobre às diferenças humanas no mundo. A rica colaboração dada pelo autor dos *Argonautas* foi a sua concepção diferente do *fazer/pensar* antropológico em relação a prática da disciplina até então, sendo que a principal consequência desta nova experiência decorreu justamente do relativismo cultural, marca da antropologia até os dias de hoje, já que cada cultura deve ser vista como uma singularidade em si mesma e não hierarquicamente como no evolucionismo.

O grande diferencial entre o trabalho realizado por Malinowski e seus antecessores foi a criação de um novo modelo de coleta de dados, sendo o primeiro antropólogo profissional a realizar um trabalho de campo intensivo, como o aprendizado obrigatório da língua nativa e, portanto, com o recolhimento de materiais diretamente dos nativos sem

¹³ Consultar Daniel Bell, com a publicação do *Avento da Sociedade pós-industrial*, publicado em 1976.

qualquer mediação. Sendo também o primeiro a ter uma permanência prolongada no campo¹⁴ com um intervalo para repensar e organizar os dados coletados.

Nota-se a realização de um fazer antropológico qualitativamente diferente dos praticados pelos antropólogos anteriores como, a tentativa de colocar-se no lugar do outro e, assim, conhecer a realidade na qual o outro se insere. Na relação sujeito e objeto, o sujeito cognoscente possui uma atitude de neutralidade e imparcialidade perante a realidade em foco, garantia da objetividade do conhecimento, segundo o referencial teórico do funcionalismo. A verdade da ciência, para o funcionalismo, deve estar de acordo com a própria realidade, descartando-se o sujeito cognoscente.

Todavia, não podemos deixar de reconhecer que a contribuição fornecida por Malinowski foi muito rica, quando comparada aos trabalhos realizados anteriormente, porém, tornando-se algo, na maioria das vezes, irrealizável. É a *ausência* do pesquisador na elaboração da etnografia, *ausência* que Caldeira (1988) denomina de *presença ambígua*, porque o etnógrafo revela-se ao outro, revelando também a sua experiência enquanto pessoa e como membros de uma determinada cultura. Desta forma, com a prática de campo, no entanto, a antropologia adota uma nova postura, quebrando com as concepções que dominavam este fazer até então.

A crítica contemporânea desenvolvida principalmente por autores norte-americanos ao modelo etnográfico, analisa a maneira pela qual os antropólogos têm aparecido em seus textos desde Malinowski, e a relação entre eles e seus sujeitos de pesquisa. Ao criticar o tipo de autoria de texto que marca a antropologia nos últimos anos, segundo estes autores, quebram-se as condições que permitem a produção de textos comprometidos teoricamente com o ideal de verdade do positivismo. Com a busca de novas referências teóricas, atualmente os antropólogos estão repensando a nova realidade com que se deparam, abrindo-se algumas alternativas diferentes e inovadoras em relação ao antigo método e técnicas desenvolvidas por Malinowski.

¹⁴No final do século XIX publica-se a obra de Spencer e Gillen (1899) produto de trabalho de campo na Austrália, mas não intensivo como a tradição malinowskiana. Malinowski publicou seu primeiro artigo, *A família entre os aborígenes australianos*, em 1912. É escrito a partir dos dados coletados por Spencer e Gillen na Austrália. Estes mesmos dados serviram para a produção de duas importantes publicações no mesmo ano de 1912. São elas: *As formas elementares da vida religiosa* de Durkheim e *Totem e tatu* de Freud.

A reflexão sobre estes procedimentos e a sua incorporação nos textos não surgiu obviamente com os pós-modernos, mas está presente em alguns clássicos da disciplina como, por exemplo, Marcell Mauss (1974 [1923]) e Evans-Pritchard (1985 [1950]), além dos antropólogos hermenêutas, representados basicamente pelo pensamento interpretativo de Clifford Geertz, em seu trabalho, *A interpretação das culturas* (1989 [1973]). Segundo este autor, as culturas devem ser concebidas como textos, e a análise antropológica como interpretação sempre provisória, o que seguramente contribuiu para o estranhamento da autoridade etnográfica da modernidade e o seu conseqüente rompimento com a tradição do pensamento funcionalista em antropologia.

Vale lembrar que, antes do desenvolvimento da pós-modernidade, nem sequer os cientistas sociais norte-americanos inclinados para as questões fenomenológicas, de um modo geral, liam aqueles que não pertencessem ao mesmo círculo de idéias filosóficas¹⁵ que os cercavam. A ampliação dos seus horizontes foi dado principalmente pelas leituras de filósofos franceses como Foucault, Derrida, Lyotard, e Baudrillard e mais recentemente Paul Ricoeur no que se refere a antropologia.

É importante, portanto, reconhecer as influências européias nos antropólogos americanos, principalmente de pensadores franceses. O movimento pós-estruturalista francês, reconhecido como a vanguarda do pensamento pós-moderno, faz surgir uma nova classe de *intelectuais institucionalizados* que, além de criticar a filosofia estruturalista francesa, nasce com o desejo de decretar a crise da razão e da ciência européia, sendo Foucault, um dos grande representantes desta linha. Difundiu-se, entre seus contemporâneos, um forte ceticismo em relação a certas categorias analíticas das ciências sociais e da ciência em geral, resultando na relatividade do conhecimento ocidental.

A postura de Jacques Derrida antecipa características de posições extremistas da antropologia pós-moderna, pois a desconstrução¹⁶ da ciência, finda na proposta de acabar com a própria antropologia enquanto tradição do pensamento ocidental sobre o outro.

A maioria dos trabalhos antropológicos, dos últimos anos, realizados nos Estados Unidos são considerados, por seus autores, como de desconstrução, sendo o que se desconstrói

¹⁵ Com exceção de Lévi-Strauss, que viveu um considerado nos Estados Unidos lecionando nas universidades norte americanas.

¹⁶ Consultar Reynoso, 1991

é, em geral, o marco global da cultura ocidental, ou seja, a ciência social convencional, e em nosso caso específico, a disciplina anterior ao advento da pós-modernidade. Portanto, grande parte da antropologia contemporânea norte-americana, fundamenta-se em uma desconstrução das obras de autores clássicos, criticando a escrita etnográfica e a relação do pesquisador com os seus pesquisados.

Alguns autores negam a desconstrução enquanto método analítico, por ser este um aspecto negativo, negando a própria ciência e, portanto, a razão humana. Não considerando, a desconstrução como método, desautorizam-se a interpretação habitual da desconstrução como construção gratuita e cética que nega o próprio pensamento ocidental.

A desconstrução é uma atividade crítica mais alongada, muito mais radical que a mera exposição dos erros que podem alcançar o raciocínio de um determinado autor. Em uma desconstrução se ataca e se destrói não mais as afirmações parciais, as hipóteses específicas ou os erros de inferência, mas sim as premissas, os pressupostos ocultos, as epistemes desde as quais se fala.' (REYNOSO, 1991, p. 19).

Cabe-nos examinar agora o campo da antropologia pós-moderna, isto é, as versões que os antropólogos norte-americanos elaboraram a propósito do pós-modernismo ou pós-estruturalismo europeu. A visão que temos do que poderia chamar-se pós-modernismo em geral, é justamente para dar uma idéia de sua diversidade também na antropologia que não se apresenta como um movimento único e coeso.

Sinteticamente estaremos expondo as principais correntes da antropologia pós-moderna, muito embora, este tipo de divisão não comporte todos os autores possíveis e, também, não podemos considerá-la de forma rígida e rigorosa..

Portanto, para Reynoso (1991), a primeira corrente e também a principal, segundo os próprios antropólogos, é denominada de *meta-etnografia* ou *meta-antropologia*. Participam James Clifford, George Marcus, Dick Cushman, Marilyn Strathern, Robert Thornton, Michael Fischer entre outros e, mais recentemente, também Clifford Geertz. Esta corrente tem como objeto de estudo a etnografia, como texto e gênero literário, e enfatiza as novas alternativas de escrita etnográfica.

A segunda corrente, a *etnografia experimental*¹⁷, caracteriza-se pela redefinição das maneiras de se fazer a observação participante no trabalho de campo, na relação com os outros. Seus representantes são Vincent Crapanzano, Kevin Dwyer, Paul Rabinow e Dennis Tedlock.

A terceira corrente, tida como a vanguarda pós-moderna, a versão mais extrema da antropologia pós-moderna americana, é mais dissolvente, segundo Reynoso (1991) e está voltada para as questões referentes à crise da ciência em geral, sendo representada por Stephen Tyler e Michael Fischer. Segundo seus autores tudo é possível no texto e no trabalho de campo, desde que exista uma ruptura de fato com o pensar e fazer antropológicos de até então. Ou seja, decreta o fim da antropologia como historicamente foi construída em nossa tradição.

Os vários autores presentes no volume *Writing Culture*, publicação considerada como o marco da pós-modernidade na antropologia norte-americana, primeiramente fazem críticas ao positivismo científico, ao reducionismo e, também ao empirismo. Propõem em seu lugar uma defesa de uma postura humanista para o fazer antropológico, enfatizando o caráter provisório e parcial de toda análise cultural.

Segundo a leitura de Wilson Trajano Filho (1988), o livro, *Writing Culture*, é dividido em quatro *grupos* de autores, sendo que os três primeiros artigos realizam a denúncia das convenções realistas presentes em Malinowski, a fundamentação teórica de novos referenciais e a exemplificação de como estas novas convenções podem e estão sendo postas em práticas. Primeiro, Mary Louise Pratt, Vincent Crapanzano e Renato Rosaldo que propõem uma discussão que gira em torno da desmistificação da etnografia clássica como um tipo de conhecimento que reflete a realidade como espelho. Os ensaio de Pratt (1991) *Trabajo de campo en lugares comunes* e Crapanzano (1991) *El dilema de Hermes: la máscara de la subversión en las descripciones*, discutem basicamente o tema da autoridade etnográfica, propondo ao trabalho científico uma experiência pessoal à margem da própria teoria, enriquecedora do texto científico e que contribui com a compreensão do mundo e dos fatos que se descrevem. Rosaldo propõem uma discussão nova, segundo Trajano Filho, ao propor:

[...] pela via dos artifícios retóricos, o texto construído da etnografia, que se pretende convincente, verdadeiro e objetivo, ora esconde ora passa ao largo

¹⁷ Também chamada dialógica, polifônica ou heteroglosia. Consultar Tedlock: 1986.

de questões tais como a articulação da subjetividade do autor com as das pessoas pesquisadas, o contexto sociológico onde se dá o encontro etnográfico e as limitações que se contexto impõem ao saber antropológico. (TRAJANO FILHO, 1986, p. 140).

A discussão deste primeiro *grupo* de autores, remete-nos as questões da parcialidade e da provisoriade da interpretação cultural que nos levam a discutir as estratégias empregadas pelos etnógrafos para convencer os leitores da precisão da verdade impressa em seus textos, ou seja, a problemática da autoridade científica da antropologia.

O segundo *grupo* envolve James Clifford e Stephen Tyler que restringem-se à discutir os limites e as possibilidades do conhecimento antropológico contemporâneo, enquanto verdade absoluta do sujeito cognoscente sobre seus sujeitos de pesquisa. Tyler e Clifford em (1991) *Etnografia postmoderna: desde el documento de lo oculto al oculto documento* e, propõem um mundo onde não haja *sujeitos e objetos* no escrever etnográfico, discutindo aquilo que ainda está por vir: a redação do texto etnográfico. Através da crítica à ciência, suas formas de linguagem, sua aliança como discurso do valor e do trabalho e seu distanciamento da *práxis*, Tyler desvenda um contexto sócio-cultural - o mundo pós-moderno - no qual os fundamentos da ciência como representação e como conhecimento universal não mais operam enquanto tais. Como explica Trajano Filho:

Tyler é muito eloqüente na utopia que vislumbra e promete: um mundo lúdicamente fragmentado, sem sujeitos e objetos, um mundo além da dominação no qual um madrigal a muitas vozes é repetidamente executada num espaço transcendente, cuja acústica reforça reflexões, reverberações e ecos - fundamento da fantasia, incitadores da evocação. (TRAJANO FILHO, 1988, p. 141).

No ensaio de James Clifford (1986), *Sobre la alegoria etnográfica*, a ênfase na pesquisa de campo recai nos elementos intersubjetivos do encontro etnográfico, diferentemente do que caracterizava a antropologia realista da modernidade, onde o conhecimento objetivo é puramente literário. Clifford é simpático à idéia de um texto com muitas vozes, mas acaba tendo que reconhecer que mesmo como polifonia, a etnografia é um

texto de autoria de um determinado antropólogo e a antropologia, portanto, uma ciência/disciplina que faz parte da tradição do mundo ocidental.

Os dois ensaios revelam a possibilidade de um mundo melhor, onde poder e hierarquia deveriam ser minimizados e repensados criticamente. Evocam um horizonte que está além de toda a dominação, onde ninguém tem o poder de dar feição à estrutura final das histórias contadas coletivamente, nas quais todas as vozes devem ser igualmente ouvidas e consideradas. Segundo Trajano Filho:

Denunciando o poder e a dominação, eles pregam uma democracia que, em certos momentos, chega a negar o poder, ficando, assim, muito semelhante ao modo pastoral que no livro é contestado. (TRAJANO FILHO, 1988, p. 143).

Assim, fica evidente o caráter subjetivista que constitui o pensamento dos autores deste grupo.

Já o terceiro *grupo* de autores que publicaram no *Writing Culture*, para Trajano Filho (1988) têm como representantes mais significativos George Marcus (1991) com seu artigo *Problemas de la etnografía contemporánea en el mundo moderno*, e Michael Fischer (1991), com *El etnicismo y las artes potmodernas de la memoria*. Os autores abordam o exame de forças concretas e existentes em etnografia e a autoridade da ciência em um mundo globalizado.

Em seu artigo, Fischer analisa uma série de autobiografias étnicas, descobrindo nelas modos pelos quais a prática etnográfica poderia ser revitalizada. O autor revela cinco estratégias culturais - transferência, trabalho com sonhos, bifocalidades, interferência e humor irônico - usadas como lições para a escrita e a leitura etnográfica.

Marcus (1986) procura, no corpo do texto, mostrar como os etnógrafos de inclinação interpretativa podem articular o "[...]domínio micro dos significados culturais com o domínio macro dos sistemas sociais abrangentes e impessoais." (p. 236, grifo do autor). Assim, discute em detalhes, dois modos de construir o texto, de modo a articular o local com o sistema social mais abrangente. A longa discussão desses dois modos de construção do texto etnográfico, serve para demonstrar como existe um desafio em articular a vida dos sujeitos com

a natureza do mundo e da economia política que tem na forma do ensaio moderno sua solução mais eficaz. Isto porque o ensaio é uma forma que "[...] se recusa a impor ordem, pela

O quarto grupo do *Writing Culture*, é representado por Talad Asad e Paul Rabinow que discutem uma nova temática da relação entre o poder, a dominação e a política. Asad (1991) *El concepto de la tradición cultural en la antropología social británica*, questiona as metáforas de tradução do texto para a antropologia e cultura, respectivamente, como modelos gerados e totalmente envolvidos nas situações e relações de dominação em escala global.

Seu argumento central é que o capitalismo é também transformador de formas de saber, de estilos de vida locais e, com estes, de formas de linguagem. Daí, segue-se que existe uma desigualdade de poder entre os idiomas falados no mundo. Este poder transformador é de tal maneira vasto e se entremeia nas convenções lingüísticas da disciplina com tamanha forma que resiste até mesmo aos experimentos individuais realizados na feitura das etnografias. (TRAJANO FILHO, 1988, p. 145).

Rabinow (1991) *Las representaciones son hechos sociales: modernidade y postmodernidad en la antropología*, examina a tendência de pensar a etnografia como texto e as estratégias, neste caso, adotadas. Discute a questão da autoridade etnográfica, o surgimento de uma meta-antropologia e os conceitos de dialogia e polifonia. Rabinow relaciona esta nova tendência ao surgimento de uma crise de representação e com a emergência de uma cultura pós-moderna. O autor descarta qualquer tentativa de compreender o fazer etnográfico clássico-realista ou experimental pós-moderno, somente pela via da reflexão teórico epistemológico. O ensaio de Rabinow constitui um dos mais ricos do livro *Writing Culture*, tentando buscar uma sugestão de uma nova abordagem para o tema que constitui o livro:

Portanto, a questão da autoridade etnográfica é examinada, no decorrer de *Writing Culture*, com o intuito de mostrar os limites de um fazer e um saber que se pretende objetivo. Os ensaios de Crapanzano e Clifford chegam a afirmar a parcialidade da verdade na antropologia e o caráter de ficção das etnografias construídas

Uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos

Como vimos, e de um modo geral, as alternativas proposta pelo movimento pós-moderno são basicamente textuais, referindo-se como encontrar uma nova maneira de escrever sobre culturas, uma maneira que incorpore no texto um pensamento e uma consciência sobre a tradição da antropologia.

A crítica feita pelos antropólogos pós-modernos, mostra que o rompimento com o modelo anterior é parcial, pois questiona-se o processo da interpretação, mas não rompe com a separação radical entre observador e observado e suas culturas no trabalho de campo.

Isto significa que o objeto de estudo não é mais a cultura do outro, mas a etnografia, o gênero literário como texto e, enfatiza, as novas alternativas de escrita etnográfica. Clifford Geertz (1973) acredita que é possível conhecer e interpretar outras culturas, produzindo traduções de outros modos de vida para a nossa própria linguagem. O autor acredita também que estas condições se transformaram em consequência da influência da escrita pós-moderna. Ao contrário da separação entre a autoridade da ciência como conhecimento ocidental e a autoria do texto etnográfico, o que ele sugere é a necessidade do pesquisador assumir maior responsabilidade pôr seu texto e pelas interpretações que produz.

A interpretação realizada pelos pós-modernos, está baseada sobre uma outra cultura entendida como diferente e estranha a do antropólogo, mas com possibilidades de compreensão e tradução mútua através da conversação respeitosa e não etnocêntrica, do diálogo que se caracteriza como uma atividade, não somente científica, mas de confraternização e solidariedade humana. Para os antropólogos pós-modernos, em particular os autores do *Writing Culture*, a etnografia deve ser mais que uma interpretação sobre o outro. Deve ser uma negociação com diálogos, uma expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes, onde fique evidente o outro no texto etnográfico e seu relacionamento com o antropólogo, além da própria voz deste último.

O importante nisto tudo é perceber que existe uma reflexão profunda no pensar e fazer antropológico, necessária no mundo contemporâneo, para uma reflexão da própria ciência como conhecimento absoluto da realidade. Um mundo globalizado que muitas vezes demonstra uma tendência a homogeneização, mas que ao mesmo tempo, nunca foi tão abundante quando se trata do surgimento de nacionalidades localizadas.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal . *El concepto de la tradición cultural en la antropología social británica*. Barcelona: Júcar, 1991.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 21, p. 133-157, jul.1988.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Entre o estruturalismo e a hermenêutica antropológica. *Anuário Antropológico* 85, Rio de Janeiro, p. 289-295, 1986.

CARVALHO, José Jorge de. A antropologia e o niilismo filosófico contemporâneo. *Anuário Antropológico* 86, Brasília, p. 133-157, 1988.

CLIFFORD, James. *Sobre la alegoria etnográfica*. Barcelona: Júcar, 1991.

_____. ; MARCUS, George. *Retóricas de la antropología*. Barcelona: Júcar, 1991.

CRAPANZANO, Vicent. *El dilema de Hermes: la máscara de la subversión en las descripciones*. Barcelona: Júcar, 1991.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 17-37.

DURKHEIM. Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

EVANS-PRITCHARD. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FAUSTO, Carlos. A antropologia xamantista de Michael Taussig e as desventuras da etnografia. *Anuário Antropológico* 86, Brasília, p. 114-125, 1988.

FISCHER, Michael. *El etnicismo y las artes postmodernas de la memoria*. Barcelona: Júcar, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. *El Antropólogo como autor*. México: Paidós, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. et al. *El surgimento de la antropología posmoderna*: Barcelona: Júcar, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril, 1978 (Os Pensadores).

MARCUS, George. *Problemas de la etnografía contemporánea en el mundo moderno*. Barcelona: Júcar, 1991.

PEIRANO, Mariza. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. *Anuário Antropológico* 85, Rio de Janeiro, p. 149-265, 1986.

_____. A favor da etnografia. *Anuário antropológico* 92, Rio de Janeiro, p. 197-224, 1994.

PRATT, Mary Louise. *Trabajo de campo en lugares comunes*. Barcelona: Júcar, 1991.

RABINOW, Paul. *Las representaciones son hechos sociais: modernidade y postmodernidad en la antropología*. Barcelona: Júcar, 1991.

REYNOSO, Carlos. Representación. In: _____. (Comp.). *El surgimiento de la antropología posmoderna*. México: Gedisa, 1991.

ROSALDO, Renato. *Desde la puerta de la tienda de campaña: el investigador de campo y el inquisidor*. Barcelona: Júcar, 1991.

RUBIM, Christina de Rezende. A objetividade como critério de cientificidade na antropologia. *Temática*, Campinas, n. 2, p. 141-180, jul./dez. 1994.

_____. A constituição e o ser da antropologia: problemática e método. *Estudos de Sociologia*, n. 7, p. 119-146, 1999.

TEDLOCK, Denis . A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica. *Anuário Antropológico* 85, Rio de Janeiro, p. 183-203, 1986.

TRAJANO FILHO, Wilson . Que barulho é esse, o do pós-moderno? *Anuário antropológico* 86, Brasília, 1988.

TYLER, Stephen. *Etnografia postmoderna: desde el documento de lo oculto al oculto documento*. Barcelona: Júcar, 1991.

ARTIGO RECEBIDO EM 2001.